

Baia lança novo disco ao vivo no Circo Voador

PÁGINA 3



Documentário do Clube da Esquina estreia dia 28

PÁGINAS 10 E 11



Herói argentino de HQs, Eternauta vai virar série

PÁGINA 14



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Thais Monteiro/Divulgação

Por Affonso Nunes

Na fria letra dos dicionários, teatro é um lugar ou edifício destinado à apresentação de obras dramáticas, óperas ou outros espetáculos públicos. Faltou dizer que teatros são lugares onde entramos para sonhar, para refletir e para ser feliz. Nesta sexta-feira (22), o Teatro Rival completa 90 anos de uma história de dedicação à arte e cultura brasileiras, plataforma de lançamento das novas tendências, baú onde se resgatam tesouros da nossa identidade como povo, espaço de festa, ponto de resistência. Em eterna renovação e transformação.

O Rival, que volta a receber o patrocínio da Petrobras, tem em sua história o compromisso com o humor, a irreverência e a ousadia, mira na diversidade, na tradição, na inovação e na qualidade artística.

Suas paredes apinhadas de retratos de gigantes da nossa cultura sempre nos fazem lembrar que a história do Brasil passa por esse palco desde a noite de 22 de março de 1934 quando ali foi encenada a peça "Amor", de Oduvaldo Vianna.

Sob o comando de seu precursor Américo Leal, o teatro foi um dos principais palcos do teatro de revista. Depois, a casa recebeu toda a geração do chamado teatro reboado. Em meio à ditadura militar, o



Localizado no coração da Cinelândia, o Rival oferece uma gama variada de atrações

90 anos de mãos dadas com a arte (e resistindo)

Casa de vanguardas cariocas ao longo de décadas, o Teatro Rival faz festa e história mais uma vez

caráter alternativo da casa foi enfatizado com seus famosos shows de travestis.

Grande Otelto, Oscarito, Dercy Gonçalves, Rogéria, Jane di Castro e Divina Valéria fizeram do palco do Rival uma segunda casa. Numa fase posterior, sob o comando da atriz e produtora Angela Leal - filha de Américo -, o Rival tornou-se caixa de ressonância da música popular brasileira, franqueando seu generoso palco para artistas como Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Alcione, Arlindo Cruz, Luiz Carlos da Vila, João Nogueira, Cauby Peixoto, Elza Soares, João Bosco, Emílio Santiago, Luiz Melodia, Ivan Lins, Cássia Eller, Lenine, Adriana Calcanhotto, Seu Jorge e tantos outros artistas lançados, valorizados ou resgatados.

"Em 90 anos, quantas pessoas entraram no teatro em busca de entretenimento? O Rival movimentou a economia criativa com arte e empregos. Quantos músicos passaram pelo teatro e quantos foram lançados lá? Incontáveis. O teatro cumpriu o papel dele, e eu tenho a honra de ter feito parte disso tudo diretamente durante 34 anos. Espero que ele sirva de exemplo para a sociedade. No mais é agradecer, porque tive a sorte de encontrar uma equipe que entendeu o conceito do teatro e que me ajudou chegar até aqui", agradece Angela.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Beth e Zeca,
os homenageados

Divulgação

Elza Soares, um das grandes cantoras da MPB

Vozes da nova geração cantam Elza Soares no Sem Censura

Elza Soares (1930-2022) é a homenageada da edição desta sexta (22), às 16h, do Sem Censura (TV Brasil). A produção recorda a mulher que encantou o país com sua voz e presença de palco, resgatando repertório e histórias acerca da diva.

A bancada do programa terá a presença da cantora Larissa Luz, que interpretou a

veterana no musical “Elza”. A baiana está no programa da TV Brasil ao lado de Caio Prado, cantor e compositor que também participa com ela do show “Elza Tributo”.

Durante o programa, Larissa e Caio cantam clássicos eternizados na voz de Elza como “A Carne”, “Fadas”, “Malandro” e “Mulher do Fim do Mundo”, entre outros.

Esgotou

Os ingressos para shows da turnê conjunta de Caetano Veloso e Maria Bethânia no Rio e em São Paulo esgotaram em cerca de uma hora. As entradas começaram a ser vendidas online para o público geral na manhã de quinta-feira (20).

Lollapalooza

O Lollapalooza, que acontece de sexta a domingo, em São Paulo, vive novo momento. Depois de anos sob a batuta da Time for Fun, o festival agora é feito pela Rock World, empresa por trás do Rock in Rio. Mas na prática pouca coisa mudou.

Esgotou II

A produtora Paula Lavigne, casada com Caetano, tentou acalmar os fãs no X (ex-Twitter). “Calma! Vamos resolver Rio e SP com certeza”, escreveu, sinalizando datas extras. A turnê “Caetano e Bethânia” começa 3 de agosto e segue até 14 de dezembro.

Lollapalooza II

No mesmo Autódromo de Interlagos que ocupa há 10 anos, o festival segue enfrentando uma sina de cancelamentos e tem dificuldade de recuperar a capacidade de trazer shows inéditos. O nome de maior destaque agora é o trio Blink-182.



Divulgação Ambev

Zeca Pagodinho e a sua madrinha Beth Carvalho num camarote do sambódromo no Carnaval de 2012

Na sua festa desses 90 longos e merecidos anos, a casa presta homenagens especiais a Zeca Pagodinho e Beth Carvalho, artistas que passarão a fazer parte de sua tradicional galeria de fotos. Afinal, ajudaram a escrever essa história.

Beth Carvalho apresentava-se com frequência no Rival. Já Zeca foi o artista que inaugurou a nova fase do teatro, na década de 1980, quando a programação passou a contar com espetáculos musicais. E lá estava o jovem sambista, em início de carreira, trazendo sua alegria e descontração, renovando a vocação do Rival como um símbolo de cariquice e resistência.

“Passado o Rival Petrobras já tem. E o futuro é escrito diariamente”, repete Angela. E este futuro será representado pelo Quarteto de Cordas do Instituto Zeca Pagodinho, instituição educacional que o artista mantém em Xerém. Sob direção pedagógica de Carla Rincón e formado por Carol Carreira (violino I), Anna Luiza Cole (violino II), Isadora Amann (viola

e Gabriela de Brito (violoncelo), o quarteto apresentará um repertório de compositores brasileiros – como Heitor Villa-Lobos e Guerra-Peixe.

E, para reverenciar os homenageados, reuniu-se um timaço de amigos do Rival, entre músicos e cantoras. Subirão ao palco para cantar sucessos de Beth Carvalho e Zeca Pagodinho 14 grandes intérpretes: Ana Costa, Áurea Martins, Bia Aparecida, Cacá Nascimento, Dayse do Banjo, Dorina, Emannelle Araújo, Iracema Monteiro, Luana Carvalho. Luiza Dionísio, Mariana Baltar, Nilze Carvalho, Roberta Sá e Teresa Cristina. Elas serão acompanhadas por Carlinhos 7 Cordas, Rodrigo Jesus, Bruno Barreto, Alessandro Cardozo, Dudu Oliveira, Hudson e Basílio.

SERVIÇO

TEATRO RIVAL PETROBRAS 90 ANOS*

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 – Cinelândia) 22/3, às 20h
Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia) | *Apenas 80 ingressos disponíveis para venda

Um teatro leal à arte

Por Ricardo Cravo Albin*

A continua e persistente falta de respeito aos teatros do Rio, sejam os históricos ou mesmo as dezenas de pequenos, cerca de 120 como certa vez Michalski chegou a levantar nos anos 1980, me faz erguer um urro de entusiasmo pelo aniversário do Teatro Rival.

Exclamo de imediato e proclamo Teatro Rival Leal. Sim, leal porque jamais proibiu qualquer obra de criação artística em seu solo sagrado, o palco.

Sim, leal porque administrado contra todas as crises que este país por vezes repetidas impõe a quem quer fazer coisas e ama o Brasil. Como esta leoa, minha amiga há décadas Angela Leal, que jamais desonrou o legado de seu pai, também Leal.

E quem puxa aos seus não degenera. O Teatro Rival Leal continua altaneiro nas mãos da terceira geração dos Leal, a meu ver a mais bela atriz do país, nossa deslumbrante Leandra Leal. Além de linda, esplêndida atriz. Portanto, o Teatro Rival Leal continua sem qualquer rival. Será sempre único e sólido. Para sempre.

*Advogado, jornalista, historiador, crítico, radialista e musicólogo

Em estado de permanente de sintonia

Baia retorna ao Circo Voador para lançar álbum e DVD gravados no local há um ano

Por **Affonso Nunes**

Na noite de 29 de abril de 2023, uma sexta-feira, o cantor e compositor Maurício Baia fazia uma das coisas que mais gosta na vida: se apresentar ao vivo no Circo Voador. O show marcou a gravação do álbum e DVD “Baia no Circo 2”, mais um capítulo da história de amor entre o artista e esse espaço. Após a catártica noite, Baia volta ao local para

o aguardado show de lançamento, dando início à turnê homônima em que o baiano hoje radicado em Miami (EUA) passeia por clássicos de mais de 30 anos de carreira, como “Habeas Corpus”, “Passa e Fica” e “Eus”.

“Não por acaso escolhi o palco do Circo, essa casa que sempre me recebe e recebe meu público com tanto carinho. Tô preparando um show inesquecível pra gente fazer uma grande festa. Vem comigo, meu povo”, convoca Baia, confir-



Baia e a plateia que lotou o Circo e cantou junto com o artista no show do ano passado

mando a enorme sinergia entre ele, o Circo e seu público fiel.

O álbum, que chega às plataformas digitais no mesmo dia do novo show, é uma comemoração pelos 50 anos de Baia e dá

continuidade a “Baia no Circo” (Somlivre / 2010) com quatro novas composições “I Believe Sim”, “Entre o Silêncio e o Som”, “Não Amasse meu Pão” e “Eternamente Ligado a Você”, faixa título

de seu último álbum de 2022.

“Algumas faixas que estavam no primeiro álbum ganharam roupagem nova” revela Baia. Os vídeos estão em alta rotação no canal Music Box Brasil e, em breve, estarão no canal do Baia no YouTube com um lançamento por mês.

Baia se apresenta com a mesma banda do show do ano passado, formada por Pitito (bateria), Wlad (baixo), Ricardo Rito (teclado), Shilon Zygiel (guitarra) e Rodrigo Shá (saxofone).

A noite contará também com a cantora Anna Ratto fazendo a show de abertura com suas releituras da obra do ex-Titãs Arnaldo Antunes. E a DJ Lili Prohmann se apresenta antes e depois dos shows.

SERVIÇO

BAIA NO CIRCO 2 - LANÇAMENTO DO ÁLBUM (abertura de Anna Ratto) Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 22/3, a partir das 21h | Ingressos entre R\$ 60 (meia) e R\$ 160

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Deivide Leme/Divulgação



Para Tom & Elis

O histórico álbum “Elis & Tom”, gravado em 1974, completa 50 anos com celebração especial que reúne neste sábado (23), às 21h, no palco do Vivo Rio os artistas Daniel Jobim e Kell Smith. Neto de Tom, Daniel carrega no sobrenome a história de um monstro sagrado da MPB. “Essa é a minha história, faz parte da minha vida e é um privilégio poder continuar tocando os corações das pessoas com as músicas do meu avô”.

Divulgação



Big Band delas

Dezesseis musicistas e um repertório composto só por obras de compositores brasileiras. Essa é a Emmbra Big Band, que se apresenta nesta sexta (22), às 19h, no Espaço Cultural BNDES, com entrada gratuita. O show marca o lançamento do primeiro EP da banda, com quatro músicas: “Trilhos de Itatinga” (Débora Gurgel), “Helen” (Gaia Wilmer), “Rascunho 3” (Louise Woolley) e “Toada para Sojourner” (Aline Gonçalves).

Marcelo Castello Branco/Divulgação



Dama da Canção

Aos 86 anos e em plena atividade, a cantora Ellen de Lima apresenta neste domingo (24), às 18h, no Beco das Garrafas, o show “A Dama da Canção” em comemoração à data. No show, a cantora apresentará, ao lado do pianista Moisés Pedrosa, clássicos da MPB compostos por Gonzaguinha, Milton Nascimento, Djavan, Roberto Carlos, Antônio Marcos, Paulo Sergio Valle, João de Aquino entre outros.

Alexandre Araújo/Divulgação



A carioca do fado

Ananda Botelho Mendes apresenta nesta sexta (22h), às 19h, no Centro da Música Artur da Távola, o show “Fado Mulher”. A cantora é uma das raras artistas brasileiras especializadas na canção lisboeta. Ela apresenta clássicos da música portuguesa, que marcaram época nas vozes de intérpretes como Amália Rodrigues e Francisco José, e fados brasileiros de Agenor de Oliveira, renovando o intercâmbio musical entre Rio e Lisboa.

27 anos de dedicação à música

Projeto Música no Museu comemora data com concertos gratuitos

Recém-incluído no Calendário de Datas Comemorativas do Estado, o Dia da Música no Museu será celebrado pela primeira vez agora, no próximo dia 27. A comemoração vai desta sexta-feira (22) até o próprio Dia da Música no Museu. Será uma semana com três concertos refletindo a diversidade musical da série, indo do clássico europeu ao jazz, passando pela música brasileira, erudita e popular, sempre com entrada franca.

A programação começa, às 18h, no Palácio Tiradentes, sede histórica da Assembleia Legislativa, com a pianista Crismarie

Hackenberg e o Concerto de Música Vocal Rio à Capella, que tem como principal atração a Oficina de Cantoria + 60, desenvolvida pelo projeto Música no Museu. Os corais Molho Inglês e Cepel Grupo Vocal também se apresentam no recital, que ainda tem a participação do percussionista Léo Mucuri.

Na próxima terça (26), também às 18h, o baterista Otavio Garcia, comanda o projeto Villa-Lobos In Jazz, no Arte Sesc (Rua Marquês de Abrantes, 99, Flamengo). Com Felipe Poli (violão), Alex Rocha (baixo) e Marco Túlio (sax e flauta), ele jazzieira “Bachianas nº5 (Cantile-



O Quarteto Tonal encerra a programação especial do projeto no dia 27

na)”, “Caicó” e “Escravos de Jó”, entre outras peças dos repertórios erudito e popular de Heitor

Villa-Lobos (1887-1959). O grupo também homenageia o recém-falecido pianista Fernando Corona, que era seu integrante.

No Dia da Música no Museu, quarta (27), quem faz a homena-

gem na data é o Quarteto Tonal. Formado por Nelma Pataro (flauta doce - soprano e contralto), Sérgio Simões Menezes (flauta doce - tenor e contralto), João Azeredo (flauta doce contralto e flauta transversa) e Sarah Nery (piano e percussão), o grupo toca de “Aquarela do Brasil” (Ary Barroso) ao tango “Por Una Cabeza” (Alfredo Le Pera / Carlos Gardel), além de canções como “Lígia” (Tom Jobim) e “Carolina” (Chico Buarque), em homenagem ao Mês das Mulheres.

A inclusão do Dia da Música no Museu no calendário oficial de datas comemorativas é um reconhecimento ao trabalho que, em 2024, completa 27 anos, deferido como a maior série permanente de música clássica do Brasil. Nestas quase três décadas ininterruptas, mais de 1 milhão de espectadores já assistiram aos concertos, sempre gratuitos, da série. “Passamos a promover aqui um hábito que já era comum na Europa, de levar música a locais como igrejas, centros culturais, pontos históricos, além de, é claro, museus”, ressalta Sérgio da Costa e Silva, idealizador do projeto

CRÍTICA / DISCO / DEIXA A VIOLA ME LEVAR

Enquanto dormimos...

Por Aquiles Rique Reis*

“Enquanto dormimos/ a dor que não se dissipa/ cai gota a gota sobre nosso coração/ até que, em meio ao nosso desespero/ e contra nossa vontade/ apenas pela graça de Deus/ vem a sabedoria.” (Poema escrito no século V a.C. pelo poeta grego Ésquilo)

Ao ouvir “Deixa a Viola me Levar” (Selo Sesc), álbum que homenageia a obra do violeiro Mestre Manelim, lá do Sertão do Urucuia, em Minas Gerais, lembrei-me do poema de Ésquilo. Metido que só, lá vai! Enquanto dormimos, alguns agem. Enquanto dormimos, a história é preservada ou esquecida. Enquanto dormimos, mais um gênio corre o risco de parecer que nunca existiu. Enquanto dormimos, alguns fazem o que

nós apenas sonhamos enquanto dormimos.

Não digo isso porque já estivesse pensando em Manelim, a quem ainda não conhecia, posto que eu “dormia”. Digo isso pensando nos pesquisadores, escritores e violeiros Paulo Freire e Cacaí Nunes, que produziram esse álbum com gravações inéditas de Manelim e assim preservaram a sua herança.

Seu Manoel costumava dizer que aprendeu nove afinações de viola e a que ele mais tocava era a rio abaixo. E, também, que trabalhava na roça durante o dia e à noite ponteava no terreiro da sua casa os toques de viola, tais como o pica pau (<https://youtu.be/hvJTQP9hXY?si=l->



-V2xhh25mLB319D), o rio abaixo (<https://youtu.be/oIbR-7QlaqYk?si=PutZe9mHtOiu-jf9>), o lagartixa, o papagaio, o lundu, o inhuma, o conselheiro, o cebolão, o São Sebastião, o São Gonçalo e as toadas de Reis.

Em 2006, Paulo Freire produziu Urucuia, primeiro disco com gravações de Manoel de Oliveira.

E hoje ele traz novas gravações de Manelim para o álbum Deixa a Viola me Levar, que é, ainda segundo Freire, uma mostra de três fases distintas da vida do mestre e que não apenas capta o cerne da viola, no cenário do sertão mineiro, como também se revela uma coletânea da obra de Seu Manoel, falecido em janeiro de 2020.

São composições que, para além dos toques de viola, representam a relação do violeiro com a natureza através de músicas tradicionais, como folias de reis e a dança de São Gonçalo, num total de 17 faixas. Manoel de Oliveira, o Mestre Manelim, sabia tudo da sua viola de dez cordas.

Bem, ao ouvir o seu trabalho, é forçoso dizer que talvez ele estivesse

condenado a ser um eterno desconhecido, não fosse a diligência de dois violeiros abnegados e do Selo Sesc para trazê-lo de volta à cena. Manelim vive!

A justificativa do trabalho de Freire e Nunes é a sua grande relevância cultural. Entendo que só a cultura revela quem somos, de onde viemos e para onde vamos. E nos identifica muito mais do que CPFs e RGs, tornando-nos, aí sim, de fato, cidadãos e cidadãs deste país. Cultura é isso.

Ficha técnica

Direção artística e produção musical: Paulo Freire e Cacaí Nunes; mixagem: Cacaí Nunes; masterização: André Magalhães; texto: Paulo Freire; fotos: Cacaí Nunes; produção executiva: Vai Ouvindo e Circus Produções Culturais; diretor de produção: Guto Ruocco.

*Vocalista do MPB4 e escritor

SESC^{RJ} PUL SAR

CONFIRA OS DESTAQUES DA
PROGRAMAÇÃO NOS MESES
DE MARÇO E ABRIL.



TEATRO PÉRSIA

O espetáculo se propõe a investigar as conexões entre a cultura brasileira e a persa, buscando enxergar, em um espelho iraniano, o nosso reflexo.

SESC COPACABANA
28/3 a 21/4
Quinta a domingo - 20h



LITERATURA ESTUDO SOBRE O FIM

Lançamento do romance da premiada escritora Paula Fábrio, com bate-papo com escritores cariocas, leitura de trechos, perguntas do público e sessão de autógrafos.

ESPAÇO ARTE SESC
20/3 (quarta) - 19h
SESC TIJUCA
22/3 (sexta) - 19h

SESC MADUREIRA
21/3 (quinta) - 17h
SESC NOVA FRIBURGO
23/3 (sábado) - 15h



MÚSICA MOÇA PROSA NO MESMO MANTO: 80 ANOS DA PÉROLA NEGRA

Homenagem à cantora Jovelina Pérola Negra que completaria 80 anos em 2024, com um repertório que representa sua trajetória tão importante para a cultura e para o samba brasileiro.

SESC BARRA MANSA
22/3 (sexta) - 19h



MÚSICA INFANTIL RECRIA

O grupo CRIA apresenta seu novo show, onde toca arranjos originais para canções já conhecidas da música brasileira, com foco no público infantil.

SESC NOVA FRIBURGO
24/3 (domingo) - 16h
SESC MADUREIRA
28/4 (domingo) - 16h

SESC CAMPOS
7/4 (domingo) - 16h



Confira a
programação
completa das
unidades.

Paulo-Roberto Andel

Um dia de depressão

Está tudo bem. No seu pequeno mundinho todos estão felizes, até porque eles não se importam com ninguém além de si mesmos. Ninguém tem qualquer sofrimento. A vida até parece uma festa. Será que é isso mesmo? Então você olha para o teto e tenta pensar numa saída, mas ela não existe. É seu dia de folga e é como se fosse jogado fora. Você chora, se desespera, sabe que tem problemas praticamente insolúveis, sabe que talvez o melhor seria que tudo acabasse mas você não tem forças nem para cometer suicídio.

Enquanto você chora desesperadamente, pessoas que sabem do teu sofrimento mandam mensagens de auto ajuda ou falam de coisas que são inalcançáveis para você. Elas sabem que você está na merda em todos os sentidos, mas o que isso importa para elas? Nada. Absolutamente nada. Se você morrer hoje, elas vão colocar carinhas de choro, dizer “meus sentimentos” sem sentimento algum e, se você tiver sorte, alguém cuida do seu enterro. É o máximo.

Você olha para o teto e tenta pensar numa saída, mas ela não existe sem o apoio de terceiros. Alguns deles, quando precisaram, tomaram muito tempo e trabalho teu, mas agora você é simplesmente um pária, um mala que deve ser evitado e silenciado. As mais hipócritas falam até de democracia e inclusão, mas não para o seu caso. Você não tem mais utilidade.

E quando você olha para o teto, tem a exata noção de que só se salvará por muita sorte, inclusive porque já não tem nenhum amigo, pelo menos vivo.

Olhe para trás. Quanta coisa foi feita e vivida, mas agora parece tudo em vão, porque você não tem forças para limpar a casa, lavar a roupa, arrumar o caos, sequer pagar as contas, podendo

escolher se prefere pular pela janela ou morar na calçada, depois de tanto trabalho e estudo, tanta aplicação, tanta generosidade que não significou nada que não seja derrota.

Espie as redes sociais, com seus patetas ditando normas de comportamento. Você precisa ser forte. Ninguém deve saber da tua tristeza ou derrota. Você precisa ser superior e enganar a todos, inclusive a si mesmo. Quando se dá conta, o dia passou, você não almoçou, não tomou os remédios, não se cuidou e talvez este dia a menos seja até alívio. É melhor chorar sozinho do que ouvir idiotices em vão, palavras vazias que muitas vezes são ditas apenas porque o orador quer se sentir bem.

Os religiosos de araque dizem que você precisa de socorro espiritual, porque essa linguagem é sempre mais cômoda para eles. Tudo que você queria era uma pequenina casa sem luxo, com uma TV, celular, alguns livros e discos, geladeira e cama. Só. Você queria ver a TV em paz, sem notícias permanentes sobre assassinatos, chacinas e guerras que fazem muita gente sofrer loucamente. Você só queria ir uma vez ou outra ao cinema ou ao museu, ou a algum show barato, algum drinque num bar modesto, mas você não tem nada disso. Duas calças, dois pares de tênis, um chinelo, duas bermudas, camisas. Bastava isso. Ter dois ou três amigos de verdade, amores de verdade, camaradagem e solidariedade de verdade, mas nada disso existe. Uma família? Era boa, mas acabou. Só ficaram as lembranças.

Abra o WhatsApp. Está tudo bem. Todos estão felizes. Você teve azar: num mundo de hipocrisia, justamente você foi o escolhido para dizer o que realmente sente.

‘A composição é a força-motriz de tudo o que faço’

André Rola/Divulgação

João Cavalcanti leva o show intimista ‘Samba Conjugado’ para o palco do Soberano

Jornalista de formação, João Cavalcanti jamais imaginou que viesse a seguir a carreira do pai, o cantor e compositor Lenine. Hoje, com uma discografia de 12 álbuns (em carreira solo e com o grupo Casuarina, onde cantou por 16 anos), é saudado como um dos mais criativos compositores da nova cena musical brasileira.

Neste sábado, ele apresenta no palco do Soberano, em Itaipava, o show “Samba Conjugado”. Acompanhado por Alaam Monteiro (bandolim) e Gabriel de Aquino (violão), João dá voz a um repertório predominantemente próprio, com canções feitas com os mais diversos parceiros, numa proposta intimista tendo apenas dois músicos a acompanhá-lo.

Compor, aliás, é um dos grandes dons desse artista que não se prende a estilos e escreve para vários ritmos. “Nunca deixei de compor, porque a composição é a força-motriz de tudo o que faço”, analisa.

“Tenho chamado este show de ‘Samba Conjugado’. É um formato que me permite ocupar teatros e casas de espetáculos com uma boca de cena menor. É um desdobramento do álbum ‘Samba Mobilado’, que eu lancei um pouco antes da pandemia, um show com violão e bandolim em que faço um apanhado da carreira. O Alaam e o Gabriel são músicos com linguagens próprias que dialogam entre



João Cavalcanti: show próprio para palcos menores

si. Neste show colocamos no repertório algumas canções minhas e algumas outras, passando por trabalhos que já fiz como o ‘Desengaiola’ (álbum gravado com os amigos Alfredo Del-Penho, Moyses Marques e Pedro Miranda) e o ‘Ivone Rara’ (trabalho de releituras da obra de Dona Ivone Lara, com arranjos escritos para instrumentos sinfônicos), além de canções inéditas”, explica.

Antes de cultivar qualquer pretensão de profissionalizar-se na música, João cantou em coros infante-juvenis, mas foi na faculdade que voltou para a música. Ouviu e tocou de tudo até formar o Casuarina, grupo associado ao importante momento de revitalização cultural da Lapa. Mesmo enquanto fazia parte do grupo, chegou a lançar um álbum solo (“Placebo”, 2012). “São sete anos fora do grupo e quatro álbuns lan-

çados. Acho este balanço muito positivo. Ando bastante pelo Brasil, com shows em vários formatos, sempre sendo bem recebido por diferentes plateias”, comenta.

Com o “Desengaiola”, João recebeu indicação ao Grammy Latino na categoria álbum de samba e venceu o Prêmio da Música Brasileira na categoria projeto especial. “Sempre fui muito participante dos processos de produção e escolha de repertório, desde os tempos de Casuarina”, destaca.

SERVIÇO

JOÃO CAVALCANTI - SAMBA CONJUGADO
Soberano (Estrada União e Indústria, 11.000 – Shopping Estação Itaipava, Petrópolis) 22/3, às 21h
Ingressos: R\$ 200 e R\$ 100 (para residentes do estado do RJ)

CRÍTICA / TEATRO / FORTALEZA

A vida como ela é

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Fortaleza é o lugar dos fortes. Normalmente em uma posição que possa vigiar as entradas para impedir e defender. Há os lagos com jacarés, grades, pontes elevadas, grades, guardas. Mas como funciona a fortaleza afetiva? O conflito sobre esse conceito é a premissa de “Fortaleza”, texto de José Pedro Peter que, sem qualquer firula, enfrenta o que é inexpugnável para muitos.

Um adulto insone. Um pai que vela o pesadelo do filho. Uma explosão de amor. Ao mesmo tempo, o filho é um reflexo de sua adolescência, o período que mistura o



Divulgação

A direção consegue agigantar a pequena arena

prazer do surgimento dos hormônios com as dores de todos as obrigações dos crescimentos. Peter constrói um texto direto ao ponto, o que nos prende na cadeira para ver até onde vai a narrativa.

A direção de Daniel Dias da Silva, com base numa ótima solução cenográfica, consegue agigantar a pequena arena onde se dá a montagem, favorecendo e iluminando a atuação de Peter e de Carlos Marinho que

se movimentam entre a amizade fraterna, o bullying do colégi, a relação com os pais, as descobertas do sexo e o choque do lugar para o qual a vida os levava.

Há a referência a “Beijo no Asfalto” que, ao transportar o que se passa no palco à cruel história de Nelson Rodrigues, torna o paralelismo bem realizado, pois “Fortaleza” não tem nada a cortar, nada sobrando, nenhum exagero. Nesse sentido, é a vida como ela é e acontece em torno de nós.

O espetáculo mostra os fatos correntes de uma adolescência em um mundo burguês tradicional e de como o comum existe para esconder e reprimir o que consideram incomum. Peter e Daniel são capazes de fugir de gritos, sobre atuações, mostrando que o bom espetáculo é a perfeita junção de texto, direção e atores.

SERVIÇO

FORTALEZA

Espaço Abu (Av. Nossa Sra. de Copacabana, 249 - loja E)

Até 1/4, aos sbados, domingos e segundas (20h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

‘Angu’ volta à cena

O espetáculo “Angu” volta à cena em temporada popular até 23 de abril, sempre às segundas e terças-feiras às 19h, no Teatro Firjan. Escrita e dirigida por Rodrigo França, a peça apresenta seis histórias paralelas vivenciadas por pessoas negras gays – ou “bixas pretas”, encerrando estereótipos e apresentando histórias passíveis e possíveis de pessoas pretas gays. Com Alexandre Paz e João Mabial no elenco, a montagem subverte o olhar social fetichista que objetifica, coisifica, criminaliza e hiperssexualiza as bixas pretas.

Divulgação

Divulgação



Karen Gadrét/Divulgação



Brasilidade reconstruída

A Escola Fábrica dos Atores, em Nova Iguaçu, apresenta neste sábado, às 19h30, o espetáculo “Burburinho”, dirigido por Sarah Christina Carvalho. O texto passeia por nomes como Carolina Maria de Jesus, Tarsila do Amaral, Conceição Evaristo, Cartola, Nei Lopes e Cândido Portinari numa tentativa de reconstruir a brasilidade a partir das miudezas do cotidiano e também aqueles nomes que foram esquecidos, apagados ou silenciados da História. Em Burburinho, teatro, dança, contação de histórias e música se entrelaçam, valorizando nossas memórias e ancestralidade.



Pós em atuação

Com professores renomados como Rodrigo Candelot (foto), Ângela Câmara, Saulo Rodrigues, Maria Pia Sconamilio, Ricardo Conti, Hamsa Wood, Cláudia Chaves, Tati Vidal e Luísa Catoira, o curso de pós-graduação em atuação com ênfase em TV e cinema, totalmente online está com inscrições abertas. Com uma metodologia inovadora, nomes como os de Gergório Duvivier, Maria Clara Gueiros, André Ramiro e Heitor Martinez farão participações especiais durante as aulas. Informações e inscrições pelo telefone (11) 91663-8099.

SHOW**EARTH, WIND & FIRE EXPERIENCE**

*Al McKay, guitarrista da primeira formação do Earth, Wind & Fire lidera tributo que recorda sucessos como "September" e "Sing a Song". Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85). Sex (22), às 21h. A partir de R\$ 217,50

MORANA CANTA LENY

*A obra de uma das mais prestigiadas cantoras brasileiras, Leny Andrade (1943-2023) é revisitada pela cantora Morana Silveira no Mandarin (Av. Rodrigues Otávio, 3200, Gávea). 22/3, às 20h. R\$ 50.

CLÁUDIO FRÊP

*Em exaltação à miscigenada cultura brasileira, o cantor e compositor faz show de lançamento do álbum "Manifesto Caboclo" neste sábado (23), às 21h30, no Cine Joia (Av. N. S. Copacabana, 680). R\$ 60

ROCK SESSIONS

*Raphaella Souza convida Clarissa Chaves em projeto que relembra o repertório do pop rock das décadas 1980 e 1990. 23/9, às 21h, no Jungle Garden Pub (Rua Martins Ferreira, 48 - Botafogo)

HUMOR**MADE IN BRASIL**

*Suzy Brasil estreia seu novo stand up comedy no Teatro dos Grandes Atores (Av. das Américas, 3555 - Barra da Tijuca). A comediante relembra divertidas histórias dos seus mais de 25 anos de vida artística. Até 31/3. Sáb (21h) e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

*Neste show solo, Renato Albani relata os anos 1990/2000 e utiliza referências como programas de TV, desenhos animados e histórias da infância. Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). Sáb (23), com sessões às 19h e 21h30. Ingressos a partir de R\$ 45

DANÇA**SIRENA**

*Concebido pela bailarina Ivna Messina, o espetáculo está na Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Até 24/3. Qui a dom (19h). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e grátis (público PCD)



Al McKay lidera o Earth, Wind & Fire Experience

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Um Filme Argentino

GUARDE-ME

*Dando sequência ao Festival Dança em Trânsito, Marcia Milhazes Companhia de Dança apresenta o espetáculo "Guarde-me". Sáb e dom (23 e 24), às 19h, no Centro Cultural Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175- Barra da Tijuca). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

TEATRO**MACACOS**

*Montagem que conta somente com um ator e um batom, e trata sobre a urgência da vida negra no Brasil. Um homem preto busca respostas para o racismo que rodeia seu cotidiano e a história de sua comunidade. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio 38 - Centro). Sex e sáb (20h) e domingo (17h). Até 28/3

Divulgação



Macacos

Alex Ribeiro/Divulgação



Guarde-me

GÊNERO LIVRE

*O monólogo escrito por Pedro Henrique Lopes, direção de Ernesto Piccolo e interpretado por Christiana Guinle segue em cartaz na Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca) até 31/3. Sáb (20h) e dom (19h). R\$ 50

NUNCA DESISTA DE SEUS SONHOS

*Nizo Neto e Maximiliana Reis apresentam comédia reflexiva baseada na obra do psiquiatra Augusto Cury. 23 e 24/3 no Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente 52, Shopping da Gávea). Sáb (21h) e dom (20h). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

TEBAS LAND

*Peça com Robson Torinni e Otto Jr. acompanha a relação entre um paricida e um dramaturgo interessado em

escrever a história do crime. Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Qui a sáb (20h) e dom (19h). Até 28/4.

A CASA DOS BUDAS DITOSOS

*Adaptação do livro de João Ubaldo Ribeiro. Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3900 - Piso SS1). Até 27/3.

KAFKA E A BONECA VIAJANTE

*O espetáculo retorna ao Rio após itinerância por diversas capitais. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente - Loja 370, 53). Até 28/4

LOTTE ZWEIG - A MULHER SILENCIADA

*Em fevereiro de 1942, o escritor Stefan Zweig e sua esposa Charlotte foram encontrados mortos em seu bangalô. A causa apontada indicava suicídio duplo.

Mas, 80 anos depois, novos indícios, novas e persistentes dúvidas. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado). Até 28/4.

TRILOGIA GRANDE SERTÃO: VEREDAS

*Recortes da obra prima "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa. Encenará as duas primeiras peças da trilogia, "Riobaldo" aos sábados e "O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho" aos domingos. Museu da República (Rua do Catete, 153). Sáb e dom (19h30). Até 31/3

UM FILME ARGENTINO

*As complexidades e reviravoltas da vida de um casal, enquanto utiliza uma abordagem cômica para destacar as diferentes facetas dos relacionamentos. Teatro Adolph Bloch (Rua do Russel,

Divulgação



Kracjberg & Zanine

Farley José/Divulgação



Sirena

804). Qui a sáb (20h) e dom (18h). Até 21/4

EXPOSIÇÃO**KRAJCBERG & ZANINE**

*Exposição inédita reúne trabalhos do artista polonês Frans Kracjberg e do arquiteto Zanine Caldas, pioneiros da luta ambiental, que tem como matéria-prima madeiras oriundas de desmatamento. Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50 - Botafogo). Até 18/5. De ter a sex (11h às 19h). Sáb (12h às 17h). Grátis

PAISAGEM DE UM MUNDO PARTIDO

*A artista Gloria Seddon transporta o espectador a um mundo de sensações e percepções palpáveis e de sentimentos de angústia e impotência, mas também de esperança. Galeria Antonio Berni (Praia de Botafogo, 228 - sobreloja). Até 19/4, de seg a sex (10h às 17h). Grátis

TECIDO URBANO

*Em cartaz no Sesc São João de Meriti (Av. Automóvel Clube, 66 - Centro), a exposição resgata o imaginário cultural dos subúrbios e periferias do Rio, com obras de 19 artistas independentes e curadoria de Raimundo Rodriguez. Até 26/5. Ter a sáb (9h às 17h). Grátis

AVA ART FESTIVAL

*O papel e a arte japonesa são os temas da exposição que começa no Rio, segue para Varkaus (Finlândia) e termina em Osaka (Japão). Os artistas apresentam obras de intensidades, cores e estilos diversos. Ava Galleria Rio (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering, Santo Cristo). Até 14/4, de qua a sáb (11h às 17h)

INFANTIL**A BELA E A FERA**

*Um musical inspirado na história clássica "A Bela e a Fera". Teatro Até 31/3. Sáb e dom (17h). Teatro Miguel Falabella (Norte Shopping - Av. Dom Hélder Câmara, 5474)

CARIOQUINHAS

*A história do Rio para crianças, desde seu descobrimento até os dias atuais. Até 28/4, sáb e dom (16h) no Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

Divulgação



Lô Borges, Duca Leal, Márcio Borges e Milton Nascimento, de Minas para o mundo

Divulgação



A escadaria do prédio onde o jovem Lô Borges conheceu Milton cantando e tocando violão para aproveitar a acústica privilegiada

Divulgação



O longa traz cenas raras dos músicos numa praia oceânica de Niterói onde eles viveram durante a gravação do 'Clube da Esquina'

Divulgação

Uma esquina de sonhos atemporais

Documentário 'Nada Será Como Antes', que registra a gênese do movimento do Clube da Esquina, estreia na próxima semana

Divulgação



Milton Nascimento reuniu em torno de si diferentes gerações de músicos e compositores absorvendo múltiplas influências estético-musicais



No bairro de Santa Teresa, a esquina mais famosa da história da música brasileira

Por Affonso Nunes

Bendito dia em que dona Maricota mandou o filho Lô, de dez anos, comprar pão para o lanche da tarde. Atraído por um som de voz

e violão que vinha da escadaria, o garoto trocou dispensou o elevador e começou a descer 17 andares. Lá pelo quarto deparou-se com um rapaz preto que cantava absurdamente bem. Era Milton Nascimento, ou

o Bituca, para os colegas do Edifício Levy, do bairro de Santa Teresa, da eclética cena musical de Belo Horizonte nos anos 1960.

O divertido depoimento de Lô Borges é uma das cenas do ca-

tivante documentário "Nada Será Como Antes", de Ana Rieper, que chega aos cinemas no próximo dia 28. Lançado no Festival do Rio de 2023, o longa explora a musicalidade do talentoso grupo por trás do álbum "Clube da Esquina", um dos melhores da MPB de todos os tempos!

Com imagens de arquivo primorosa, na tela emergem depoimentos de Milton Nascimento, dos irmãos Lô e Márcio Borges, de Beto Guedes, Toninho Horta, Wagner Tiso, entre outros, para apresentar a plêiade de referências estético-político-musicais que moldaram um dos movimentos mais inventivos do nosso cancionário, berço de acordes e versos atemporais, tendo a amizade e afeto como combustível, e que bebeu de fontes como o jazz, o rock dos Beatles sem abrir mão da mineiridade. É de se lamentar que o poeta Fernando Brant (1946-2015) não tenha vivido para deixar seu testemunho sobre este fascinante legado.

A história por trás de cada canção deste álbum perfeito reforça a genialidade dessa turma que provou, com propriedade, que nada será como antes.



O longa resgata imagens da BH do início dos anos 1970, palco de efervescência política e cultural

Divulgação

ENTREVISTA / ANA RIEPER, CINEASTA

'Um filme sobre o Clube da Esquina poderia ser mil filmes diferentes'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ecos das Gerais vão ecoar pelo circuito nacional com a estreia do documentário "Nada Será Como Antes". Um dos filmes mais tocantes de Ana Rieper (de "Vou Rifar Meu Copração") amplia o terreno do gênero musical biográfico na produção documental brasileira. Fotografado por Jacques Cheuiche, o longa cartografa os passos históricos do álbum "Clube da Esquina" na MPB. O LP é considerado por muitos críticos musicais como um dos melhores de todos os tempos. Milton Nascimento, Lô Borges - então com 16 anos - e músicos do porte de Nivaldo Ornelas, Toninho Horta, Beto Guedes, Robertinho Silva e Wagner Tiso criaram ali uma sonoridade única, que ajudou a revolucionar a música brasileira e mundial.

A partir de "Nada Será como Antes", que abriu o Fest Aruanda, na Paraíba, em dezembro, Ana mergulha nas experiências sonoras deste time de criadores excepcionais. A ideia é entender como referências musicais diversas refletiram em cada um deles e na

obra atemporal que criaram. Na entrevista a seguir, ela explica seu processo de criação.

O que o Clube da Esquina trouxe de mais encantador e de mais político para a sua geração?

Ana Rieper: É inevitável, aliás, é desejável falar sobre política em relação ao Clube da Esquina. Foi um movimento musical que nasceu, nas palavras do Márcio Borges, do cinema e da política. É daí que vem essa música. A filmagem no Colégio Estadual Central, em Belo Horizonte, onde essa turma toda estudou... onde a presidente Dilma Rousseff estudou, nessa mesma época... foi uma das formas que o filme encontra de tocar nesse tema tão próprio daquele movimento, daquela música. Aquele foi um espaço de criação da identidade daqueles meninos. Quem não era aluno, como Fernando Brant e Milton Nascimento, frequentava aquele espaço. E se tornaram adultos no exercício da luta política. Vale lembrar que era a década de 1970, fase mais dura da ditadura civil militar no Brasil. Foi muito bonita essa filmagem, porque ao mesmo tempo em que esses veteranos se encontravam lá para a nossa filmagem,



Divulgação

do lado de fora do auditório onde filmamos, a molecada jovem seguia esse mesmo movimento. Um espaço muito interessante.

De que maneira eles transcendem o cancionário romântico retratado por você em "Vou Rifar Meu Coração"?

É uma música que não envelhece. Eu vejo os jovens aqui de casa, com 16, 17, 18 anos, super fãs, tocando Clube da Esquina em suas bandas, ouvindo esse som e se identificando muito com esse mundo musical. É uma sonoridade e uma poesia que são atemporais e que têm um diálogo muito forte com

a juventude. Vejo uma semelhança muito grande com os Beatles, não à toa uma das maiores referências da "ala jovem" do Clube da Esquina. O Clube da Esquina traz um tempo-espaço da música brasileira muito diferente daquele que constitui a música romântica popular retratada no "Vou Rifar meu Coração". Dialoga com um público diferente, uma juventude politizada e ligada às artes. São poéticas diferentes. Uma é mais direta, mais concreta e mais abrangente em termos de público - a dos românticos - e outra, a do Clube da Esquina - com uma poesia muito complexa -, é uma música que vem de referências

muito diversas, como o rock, o jazz, a música regional mineira, o choro, a música cigana do leste europeu, o progressivo, e... por aí vai.

O que o cinema musical documental oferece para você como campo de trabalho e de pesquisa?

Cada filme sobre música que faço é um mergulho em determinado aspecto do mundo e isso me encanta. Um filme sobre o Clube da Esquina poderia ser mil filmes diferentes, assim com um filme sobre Clementina de Jesus ou sobre a música popular romântica podem ser muita coisa também. São universos musicais e personagens muito vastos, densos, complexos. Pensar qual é o tema de que cada filme trata é um desafio muito interessante pra mim. Gosto de fazer documentários por ser um filão que exige uma relação forte com o mundo. Os filmes são um resultado da relação de cada equipe e filme com aquele mundo, ou com aquele aspecto do mundo que o filme toca. No caso do "Vou Rifar meu Coração", há o amor romântico, seus encantos e mazelas; no "Clementina", há a força da existência e da cultura negra no Rio de Janeiro, e uma vivência de mulher com a qual me identifico muito.

O que vem pela frente de seus projetos?

Estou finalizando um longa documental sobre a família brasileira. O filme se chama "Paraíso" e aborda, a partir de uma narrativa muito musical, a herança colonial na nossa vida em família. A ideia de família, no filme, é olhada tanto a partir de uma perspectiva mais íntima, doméstica, cotidiana, quanto de uma construção institucional, ligada ao poder público, às leis, à religião. Ligada a uma moral social muito marcada pelo nosso passado de colônia escravocrata baseada no latifúndio. O documentário se constitui por filmagens com seis núcleos de personagens e material de arquivo muito diverso, como telejornais, comerciais, discursos políticos, filmes domésticos. Estou ainda iniciando um longa sobre sexualidade a partir do ponto de vista do funk, chamado "Massa Funkeira".

De Nilópolis à terra de Totoro

Um dos mais aclamados animadores do Brasil, Marão visita a pátria de Hayao Miyazaki, o ganhador do Oscar por ‘O Menino e a Garça’, para lançar seu longa no Festival de Niigata

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

De Tóquio até a cidade de Niigata, um turista ou profissional em visita ao Japão gasta uma média de quatro horas e 25 minutos num voo que percorre uma distância aproximada de 274 km. A região de destino fica na costa noroeste da ilha de Honshu. Sua fundação ocorreu em 1889 e, pelos cálculos estatísticos mais recentes, sua população é de 810.157 habitantes, espalhados numa área de 726,4 km². É nesse território que acontece um dos festivais de animação que mais cresce de prestígio na atualidade. Quem nos conta novidades de lá é um emissário de Nilópolis (RJ): Marcelo Marão.

Premiado mundialmente com curtas como “Até a China” (2015) e “Eu Queria Ser Um Monstro” (2010), o cineasta passeia por terras nipônicas em competição com seu primeiro longa-metragem: “Bizarros Peixes das Fossas Abissais”.

“O festival está apresentando uma retrospectiva do animador Isao Takahata, um mestre japonês, mas, para minha surpresa, grande parte dos filmes selecionados não é asiática”, diz o diretor. “Eles têm esse festival desde o ano passado lá em Niigata. Apesar de ser muito recente, o evento é gigante, com salas de 500 lugares, quase sempre com as sessões lotadas. No norte do Japão, a cidade é bem fria, e está começando a nevar”, relata.

Porta-voz da produção animada do Brasil numa defesa aguerrida do setor, Marão fala aos colegas do Niigata International Animation Film Festival sobre as potências de sua pátria. Só adiciona um lamento. “O Anima Mundi foi a minha pós-graduação e eu reclamo sempre da ausência desse festival tão querido, que parou em 2019, para ver se ele volta”, diz o realizador, que se delicia com a programação.

O cardápio é variado: “Alguns dos destaques da programação do festival, apesar de ser aqui no Ja-



Acervo Pessoal

Marão em visita a Totoro, na loja dos Estúdios Ghibli. O animador está no Japão para lançar ‘Bizarros Peixes das Fossas Abissais’, seu primeiro longa, no Niigata Film Festival

pão, são ‘A Outra Forma’, um filme de animação colombiano que passou em Annecy, na França, e foi finalista dos prêmios Quirino;

e ‘Mars Express’. Esse é um filme francês que também foi competiu em Annecy e nos grandes festivais do mundo, mas é bastante

ecléctico. É curioso notar que muitos filmes que não são animes”, diz Marão, referindo-se ao termo usado para definir uma linhagem

internacionalmente consagrada – e muito rentável – da produção audiovisual dos japoneses, coroada este ano com o Oscar.

Quem ganhou a estatueta foi “O Menino e a Garça”, do octogênio artesão Hayao Miyazaki (já oscarizado antes por “A Viagem de Chihiro”) e famoso por personagens como Totoro e Porco Rosso. “Paradoxalmente, eu não vi esse filme justamente porque seu lançamento se deu durante a campanha de estreia do nosso longa e, em todas as cidades onde ele estreou, eu pude acompanhá-lo, participando de workshops, de oficinas, de bate-papos. Já estava passando o Miyazaki e eu, doido para ver o filme, não conseguia. Estou aqui no Japão sem ter visto, mas fui à loja dos Estúdios Ghibli, que o produziu, e vou assisti-lo só quando voltar para o Brasil”, diz Marão, que se empapou ainda dos gibis editados na nação de Akira Kurosawa, conhecidos como mangás.

A lista de pedidos de seus amigos do Rio de Janeiro, num ritual de “Pô, Marão, me traz um mangá”, é longa.

“Apesar de não ser um grande conhecedor de mangás e animes, desde os anos 1990, eu sou obcecado pelo trabalho do Katsuhiro Otomo. Assisti a seu filme ‘Akira’ (derivado do gibi de sua própria autoria) na época em que estreou nos cinemas no Brasil, em 1991, e revejo-o sempre. Tenho toda a coleção dos quadrinhos, desde os fascículos que saíam mensalmente no Brasil, até a coleção encadernada que saiu depois. Sou fascinado, embasbacado, vendo aquelas páginas devastadoras”, diz Marão. “Lembrarei para sempre, depois da destruição da cidade, daquelas 20/30 páginas só de ilustrações, sem texto e com a destruição. Ao mesmo tempo, eu me lembro de ‘Gen Pés Descalços’, que é um dos quadrinhos favoritos de toda a minha vida. Apesar de um traço mais acadêmico, sua dramaturgia é tão devastadora que me serviu de inspiração e referência para minha relação com os quadrinhos de modo geral”.

CRÍTICA / FILME / A DAMA DO LOTAÇÃO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Clássico que não perde o fôlego

Consagrada sob o olhar de novíssimas gerações em seu desempenho em “Aquarius” (2016), Sonia Braga é o rosto de abre-alas do que promete se tornar a maior micareta cinéfila de 2024 no país: vai ter “A Dama do Lotação”, às 23h55 deste sábado, no Estação NET Rio. Neste 23 de março, todas as cinco salas do complexo exibidor de Botafogo, seu saguão e seus corredores vão estar abertos e repaginados para ambientar uma madrugada de projeções contínuas.

A boa alma que bater lá, com ingresso, ali pelo badalar da 0h poderá transitar de forma livre por todas as salas, entrando e saindo das sessões como bem entender e preferir – com respeito ao próximo, é claro. A lista de iguarias que o Estação preparou inclui: “Nosferatu, Uma Sinfonia do Horror”, de F. W. Murnau (1922); “Sangue de Pantera”, de Jacques Tourneur (1942); “Submarino Amarelo”, de George Dunning (1968); o magistral “O Pássaro das Plumas de Cristal”, de Dario Argento (1970); “A Bruxa do Amor”, de Anna Biller (2016) “O Castelo de Cagliostro”, de Hayao Miyazaki (1979); “Ela Quer Tudo”, de Spi-



Divulgação

Sonia Braga arrebatada o público em ‘A Dama do Lotação’

ke Lee (1986); e curtas como “At Land”, de Maya Deren (1944); e “Maestro Pernalonga”, de Chuck Jones (1949). Ao zarpar, o evento põe em seu timão Neville D’Almeida, no longa-metragem que confirmou a habilidade de Sonia em arrebatar multidões, quase um

ano após “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976).

Egresso de narrativas experimentais patrulhadas pela Censura, como “Jardim de Guerra” (1969), Neville negociou com Nelson Rodrigues (1912-1980) a possibilidade de filmar o conto “A Dama do

Lotação”, a fim de fazer dele um tratado libertário sobre o empoderamento de uma mulher oprimida em seus desejos. Solange é desenhada na tela por Sonia como signo de gestos aparentemente simples, que se agigantam poeticamente em sua forma de se impor pelo exercício

do prazer. Muitos dos hábitos e práticas que o filme retrata foram esmagados sob o peso da História e, nos novos tempos, soam ásperos na tela. Mas a fúria com que Neville se impõe contra o moralismo e o afogamento da sublimam imagens que nos sufocam, sob a direção de fotografia dionísica e cálida de Edson Santos.

Em sua trama, uma violência conjugal é o “Basta!” que deflagra uma revolução. Após ser abusada pelo marido na noite de núpcias, Solange passa a rejeitá-lo. A partir daí, faz de um ônibus seu Tinder mecânico particular, buscando encontros aleatórios. A canção de Caetano Veloso, “Pecado Original”, tonifica o percurso da personagem ao dizer “Todo beijo, todo medo/ Todo corpo em movimento/ Está cheio de inferno e céu/ (...) Tempo da Serpente, nossa irmã/ Sonho de ter uma vida sã”. Esses versos e demais estrofes de Caetano vão se repetir ao longo de 110 minutos, como uma ladainha de louvação à democracia afetiva.

À época de seu lançamento, “A Dama do Lotação” (1978) contabilizou 6.509.134 ingressos vendidos, isso só pelas estatísticas da Embrafilme, pois outras fontes falam em 7,5 milhões de pagantes. É um dos maiores recordes de arrecadação da História deste país nas telas.

CRÍTICA / FILME / SAUDOSA MALOCA

Palhinha de Adoniran

São muitos os vértices de excelência de “Saudosa Maloca”, que rendeu a Pedro Serrano o troféu de Melhor Direção, no Fest Aruanda, na Paraíba, em dezembro. Sua dramaturgia fala de gentrificação numa São Paulo de arranha-céus a partir das travessias e das travessuras do compositor e cantor Adoniran Barbosa (1910-1982) e seus parceiros de biritá e de batuque.

O desempenho de Paulo

Miklos (também premiado em terras paraibanas) é imparável no retrato da realidade paulistana bem fotografada por Lito Mendes da Rocha. A produção forma um triunvirato autoralíssimo com dois outros belos trabalhos de Serrano: o curta “Dá Licença De Contar”, de 2015, e o longa documental “Adoniran – Meu Nome É João Rubinato”, de 2018.

Na trama de seu estonteante



Divulgação

Miklos foi premiado em Aruanda por seu desempenho

tratado sobre saudade, Serrano nos leva a uma mesa de bar de SP, onde o velho Adoniran (Miklos,

sublime) conta a um jovem garçom (Sidney Santiago Kwanza) anedotas de uma metrópole que já não

existe. Lembra com carinho da maloca onde viveu com Joca (Gustavo Machado) e Mato Grosso (Gero Camilo), destacando a paixão deles pela atendente de bar e aspirante a estilista Iracema (Leilah Moreno, luminosa em cena) e de outros personagens eternizados em seus sambas.

O filme mostra como as letras de Adoniran se tornaram crônicas de uma terra engolida pelo apetite voraz do “pogressio”. Diante da essência cartográfica do longa, a direção de arte de Claudia Terçarolli se impõe por seu detalhismo cuidadoso. (R. F.)

A Cidade Maravilhosa é linda, faceira e encantadora; alguém pode contestar isso?

A mais bela do planeta, será exagero? Não, claro que não. Basta dobrar uma esquina, olhar para o firmamento, perceber as montanhas, caminhar alguns passos e se deparar com uma cachoeira, um pé de amoras nativas e outro de café em plena Floresta da Tijuca.

Nas ruas, vivenciar a sombra das amendoeiras aromatizadas pelas patas-de-vaca em flor e a chuva-de-ouro que dão o toque decorativo.

Comer uma jaca à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas ou na parte alta de Santa Teresa? Isso é para poucos, é para os cariocas, isso é pura beleza, é a natureza gritante e escandalosamente alvissareira. Olhar para a fiação e reparar alguns saguis se equilibrando com seus filhotes, malabares urbanos, misto de corda bamba e slackline improvisado. Um gavião rasante pousado numa antena, vem das ondas de lá e um canário-da-terra cantor no galho daquele flamboyant, transmitindo em frequência modular.

Pela manhã, quando avisto os biguás, as fragatas, as garças e até mesmo os urubus – saudações rubro-negras nação -, fico com uma inveja danada, sonho como Ícaro. Me imagino pegando uma térmica lá na Prainha e, sobrevoando toda a cidade, fotografando-a de ângulos que nem os drones, muito menos os helicópteros possam avistar.

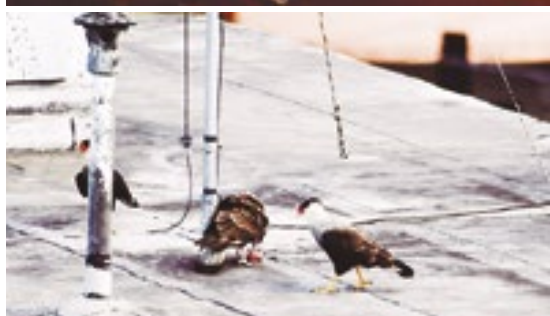
Carioquices são assim, esse imenso cenário, esse turbilhão de luz.

São Sebastião só Rio, de janeiro a janeiro, porque em fevereiro eu sambo, em março são águas, em abril as cores do Santo Guerreiro, em maio ensaio, em junho eu canto, em julho me espanto, agosto eu gosto, setembro me enrosco, outubro é próspero, novembro nem lembro que já é um sol de quase dezembro.

Muy Leal e Heroica Cidade...

Que sejamos abençoados pelo Redentor e acolhidos em seus braços abertos sobre a Guanabara.

Rio, seu lindo!



Mais aclamado romance gráfico da Argentina, 'El Eternauta', à venda na Amazon e gibiterias do Brasil, vira série com Ricardo Darín na Netflix

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É possível comprar “O Eternauta”, numa edição da Martins Fontes, na Amazon, assim como sua releitura, El Eternauta 1969”, da Comix Zone, numa dobradinha essencial para a espera da tão esperada versão audiovisual de um quadrinho que divide águas (políticas) na América Latina, sobretudo neste momento de Javier Milei no poder. Até a Malfalda de Quino bate cabeça para Juan Salvo, espécie de emissário de uma Argentina catastrofista, vestido num traje de proteção, que parece roupa de mergulho. Estima-se que até o fim do ano, a série, desenvolvida pela Netflix, estrelada por Ricardo Darín chegue entre nós.

Bruno Stagnaro, realizador do cult “Pizza, Cerveja, Cigarro” (1998), assina uma direção que muitos gigantes portenhos disputaram. As primeiras imagens de seu trabalho, que começam a circular pela web sugerem que ele foi a escolha certa, apesar da concorrência.

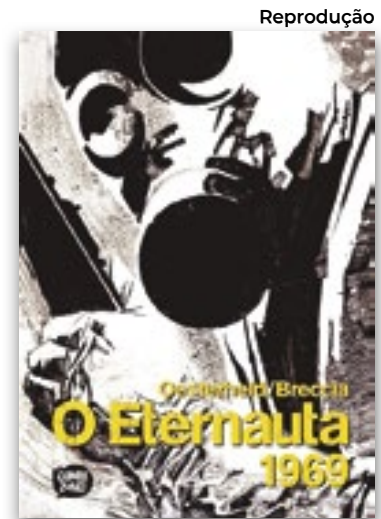
Até Lucrecia Martel, a diretora de “O Pântano” (2001), esteve no páreo para filmar esse libelo gráfico contra o jugo imperialista sobre os estados latino-americanos. Sua estreia, nos meses a seguir, soa como reação de protesto ao governo de direita de Javier Milei e sua postura azeda com a ebulição cultural democrática de sua pátria.

O simbolismo de “O Eternauta” – lançado de 1957 a 1959 no su-



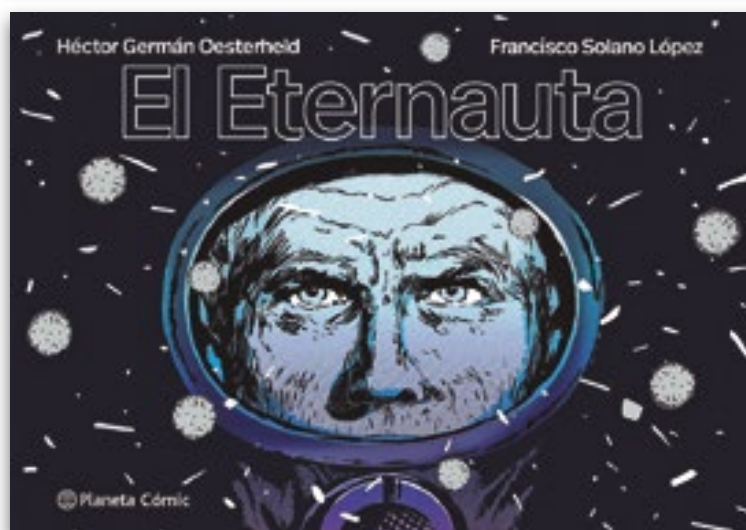
Divulgação/Netflix

As primeiras imagens da série com Darín vivendo o herói argentino das HQs instigam a internet



Reprodução

O gibi que vai peitar Milei



plemento “Hora Cero Semanal” – vai além de sua inequívoca potência visual e de sua dramaturgia sociológica, de prosa com a literatura H.G. Wells (1866-1946). Uma tragédia (cujo bastidor aponta suspeitas de vetores governamentais) em torno do roteirista Héctor Germán Oesterheld, criador da trama, amplia a importância da HQ. Nascido em 1919, ele desapareceu em abril de 1977, em meio a uma reunião de militantes de esquerda, como reação da ditadura aos antipatizantes do regime militar na Argentina. Suas quatro filhas caíram na clandestinidade e acabaram assassinadas. Duas delas estavam grávidas quando foram mortas.

O “sumiço” de Oesterheld teria ocorrido pouco depois de ele publicar a parte II das missões do Eternauta., lançada em 1976, pela Ediciones Record. Estima-se que o sucesso da primeira temporada do projeto com Darín no www.netflix.com pode assegurar a adaptação desse segundo material com Juan Salvo, papel confiado ao astro de “O Segredo De Seus Olhos”, o ganhador do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2010. Esse Volume Dois também saiu em português pela Martins Fontes.

Com desenhos de Francisco Solano López (1928-2011), “O Eternauta” é uma ficção científica. Sua carreira comercial em terras argentinas se deve ao empenho da Ediciones Frontera, empresa fundada por Oesterheld e seu irmão, Jorge Mora. A trama é centrada na conversa entre um roteirista de HQs (alter ego do próprio Oesterheld) e um viajante do tempo que se materializa em sua casa numa noite. Apresentando-se como O Eternauta, o sujeito misterioso, que se chama Juan Salvo, relembra seu passado. Vestido com trajes de borracha e máscara de mergulhador, ele enfrenta uma neve radioativa que cai sobre Buenos Aires, provocando morte em massa. Aos poucos, Oesterheld transforma o relato de Salvo numa releitura futurista de “Robinson Crusoe”, de Daniel Dafoe (1660–1731).

Em 1999, pouco antes de o cinema argentino entrar numa fase de reinvenção (e consagrar Darín), os episódios mais sangrentos da trajetória de “O Eternauta” foram lembrados pelo documentário “H.G.O.”. Nele, os cineastas Víctor Baylo e Daniel Stefanello, entrevistam colegas de Oesterheld nos quadrinhos, além de escritores como Mempo Giardinelli. Seu trabalho com Salvo é uma metáfora dos riscos que a Argentina corria sob o jugo de um governo de ações fascistas. No fim de sua vida, ele foi deixando analogias e outras figuras de linguagem de lado e escancarando suas denúncias. A presença de Darín na série “El Eternauta” é uma promessa de que esse denunciamento dos anos 1970 perfume os roteiros que o streaming promete consagrar.

Tomás Rangel/Divulgação



Mercearia da Praça

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Guimmas

Vitor Faria/Divulgação



Gruta do Fado

Auê Fotoconceito/Divulgação



Casa das Natas

Páscoa em casa

Veja um roteiro com opções de pratos para encomendar para a Semana Santa

Por **Natasha Sobrinho**

@restaurants_to_love

Especial para o Correio da Manhã

O domingo (31) de Páscoa está se aproximando e para quem for celebrar a data em casa, a mesa tem que ser farta. Para isso, o Correio da Manhã preparou um roteiro com pratos tradicionais e doces especialmente para ocasião. Confira a lista abaixo:

CASA DAS NATAS - Para o almoço da família, o chef João Pedro Souza apresenta uma novidade: o Bacalhau com Broa e Espinafre (R\$ 68,50), bacalhau desfiado, refogado em azeite, cebola, alho, espinafre, molho bechamel, coberto por broa portuguesa ralada. Outra sugestão especial é o Bacalhau à Brás (R\$ 64 - foto), preparado com bacalhau desfiado com cebola e alho refogado em azeite extra virgem, batata palha, envolto em ovos, azeitona e salsa picada. Av. Nossa Senhora de Copacabana, 995. Tel: (21) 99555-8243.

GRUTA DO FADO - O restaurante de culinária portuguesa, localizado no shopping VillageMall, preparou uma opção especial para a Semana Santa: o Bacalhau à Dorê (R\$ 260 - duas pessoas). Ele é frito em azeite com batatas coradas, cenoura, couve, ovos, azeitonas e alho frito e acompanha arroz de tomate. Encomendas para a sexta e

Divulgação



Vó Alzira

Divulgação



Tortamania

domingo podem ser feitas até às 11h do domingo de Páscoa, pelo telefone: (21) 3252-2801), para a retirada do prato no próprio restaurante.

GUIMAS - Para Páscoa em casa, o tradicional restaurante da Gávea oferece além do Bacalhau Espiritual (8/10 pessoas - R\$ 550) e do famoso Patê Guimmas (1kg - R\$ 140) algumas novidades como a Torta de brie e figo - massa Filo e calda de mel com nozes (6/8 porções - R\$ 210); o Camarão oriental, com chutney de manga, abacaxi e especiarias (1kg - R\$ 550). Nas sobremesas, destaques para o Rocambole de pão de mel com avelãs (8/10 porções - R\$ 380). Pedidos de segunda a sexta, das 9h às 17h, pelos telefones (21) 2529-8300. Rua José Roberto Macedo Soares, 5 - Gávea.

Divulgação



Parmê

Tomas Velez/Divulgação



Henriqueta

HENRIQUETA - A tasca portuguesa preparou um menu especial sob encomenda para o almoço de Páscoa. Para entrada opções como: croquete de alheira (R\$ 150/12 unidades) e os bolinhos de bacalhau com queijo Serra da Estrela (R\$ 150 / 12 unidades). Para principal destaque para o Arroz de Pato (R\$ 300 - foto) e o Bacalhau à Gomes de Sá (R\$ 480), ambos servem quatro pessoas. As encomendas podem ser feitas pelo telefone (21) 3429-6623 feitas até dia 29/3, com retiradas no dia 31, das 11h às 13h. Rua Aristides Espinola, 121 - Leblon.

MERCEARIA DA PRAÇA - A casa, em Ipanema, conta com ceia sob encomenda para a data. Entre as opções de entrada está o tradicional Bolinho de Bacalhau (R\$ 13,90 - unidade). Para principal, pratos

como o Bacalhau com Natas (R\$ 359,90 - kg), peixe em lascas, refogado com cebola no azeite extra virgem português, batata, cenoura e champignon ao creme, gratinados com parmesão. Além do bacalhau, há receitas como o Arroz de Pato (R\$ 289,90 - Kg). Os pedidos são feitos pelo telefone (21) 3986-1400 com retiradas no local. Rua Jangadeiro, 28 - Ipanema.

PARMÊ - A casa fez um menu criado especialmente para o período da Semana Santa. Entre as opções estão: o Salmão Crocante com Risoto de Limão acompanha Legumes Salteados (R\$ 299 - prato serve 4 pessoas) e Bacalhau com Natas com Arroz Colorido, Farofa Especial e Salada Festiva (R\$ 269- prato serve 4 pessoas). Na ala das sobremesas destaque para a torta ChocoPáscoa (R\$ 139), um bolo de chocolate, pão de ló branco, com recheio de brigadeiro mesclado decorado com cereais de chocolate branco, coelho e placas de chocolate ao leite. Pedidos pelo site: <https://delivery.parme.com.br/restaurants>.

TORTAMANIA - A confeitaria preparou para a Páscoa tortas especiais. Entre as sugestões estão: a Torta Delícia de Páscoa (R\$ 92 - P e R\$ 149 - M, foto) um bolo de chocolate com a combinação de brigadeiro tradicional e brigadeiro branco e o Pavê Clássico de Brownie (R\$ 149), feito com a combinação de creme de leite e leite moça, brownie, coberto por raspas de chocolate meio amargo. Rua Vinícius de Moraes, 121 - Ipanema. Telefone: (21) 3273-0333.

VÓ ALZIRA - A rede lança o bolo vulcão (P - R\$ 42 e G - R\$ 59) em quatro versões para o período da Páscoa. São eles: bolo Vulcão Mousse de Chocolate; Bolo Vulcão Mousse de Leite de Ninho; Bolo Vulcão Mousse de Maracujá e Bolo Vulcão Mousse de Limão. Cada um contará com 4 ovinhos coloridos. Encomendas pelo site: <https://voalzira.com/lojas/>.